

SBAT
LIBERADO EXCLUSIVAMENTE
PARA FINS DE CENSURA DO TEX-
TO. AS REPRESENTAÇÕES ESTÃO
SUJEITAS A NOVA AUTORIZAÇÃO
REPRESENTANTE NO R. S. Nº 1

(NO PALCO APENAS UM BIOMBO AO FUNDO. TODOS OS OUTROS ELEMENTOS DO CENÁRIO SURGIRÃO COM O CORRER DO ESPETÁCULO)

LUZ GERAL. SILÊNCIO. PALCO VAZIO. VOZES SE APROXIMAM VINDAS DO FUNDO DA PLATÉIA. ATORES ENTRAM CANTANDO.

Andantes e caminhantes, vamos
Por caminhos e estradas
Por caminhos e estradas
Contando causos e histórias
Vividas e imaginadas
Nosso horizonte é a esperança
De encontrar na caminhada
Gente feliz, sem mentira
Medo, fome e ignorância.
Para além eu canto o aqui
E aqui eu canto o acolá
Um canto da vida inteira
Do aqui, do ali e do lá.

(MÚSICA CRESCENDO, ATORES TOMAM PLATÉIA. ALGUNS SE DIRIGEM DE IMEDIATO PARA O PALCO. CADA UM TRAZ UM INSTRUMENTO MUSICAL, QUE TOCA:

VIOLÃO, FLAUTA, BUMBO, PANDEIRO, TRIÂNGULO, ETC.)

TODOS SOBEM AO PALCO. DANÇAM.

LULA — Anita, Você está dançando errado.

ANITA — Eu não sei dançar, bobão. Mas sei representar.

LULA — Quem representa, é atriz (RI). E você não é atriz.

ANITA — Está certo. Acontece porém que mesmo não sendo artistas, nós representamos.

LULA — Não entendi.

ANITA — Quando a gente brinca de boneca, de carrinho, de médico; imita bichos, arremeda os outros...

LULA — E quando a gente conta mentira também?

ANITA — Quando a gente conta mentiras, ou conta histórias verdadeiras ou histórias inventadas...

CLEIR — (INTERROMPENDO). Nós viemos aqui para brincar e não para ficar falando, falando...

DUDU — (SENTADO A UM CANTO). Vamos brincar de quê?

ANITA — Podemos brincar de representar.

LULA — Não! Viemos aqui brincar de contar histórias.

ANITA — Mas eu quero representar. (FINGE CHORO).

LULA — Não! Viemos aqui brincar de contar história.

CLEIR — (E DUDU AO MESMO TEMPO). Porque vocês...

DUDU — (PARA CLEIR). Fale você.

CLEIR — (PARA DUDU). Fale você.

DUDU — (E CLEIR AO MESMO TEMPO). Porque vocês...

CAFÉ — Porque vocês não param de perder tempo com lorotas. Façamos o seguinte: Dois pontos: Vamos brincar contando histórias e representando.

LULA — Para representar é preciso inventar uma história.

DUDU — (AO MESMO TEMPO QUE CLEIR). Nós podemos... (RIEM)

DUDU — Nós...

CLEIR — Podemos...

DUDU — Inventar...

CLEIR — Representando.

(NESTE MOMENTO ENTRA CORRENDO A SAPECA DO GRUPO. LUCINHA, QUE VEM PUXANDO UM OUTRO RETARDATÁRIO, CATITO).

LUCINHA — Vamos s'imbora minha gente que hoje é dia de trabalho e de alegria. (PARA PLATÉIA). Meu nome é Lucinha, mas na história da história, podem me chamar de Glória. (VOLTA-SE PARA CATITO). Este aqui é o Catito, preguiçoso que só ele.

CATITO — Na hora eu invento o que vou ser.

CLEIR — Então, doravante serei Cléa.

LULA — Eu serei invisível. Podem me chamar de IRBE, o sombra.

CAFÉ — Eu quero ser o poeta da história. Vou enfrentar esse sombra com poesia e violão.

ANITA — Eu não mudarei meu nome. Continuarei me chamando Anita, do princípio ao fim da história.

DUDU — Eu faço qualquer papel nesta história, podem me chamar de (OLHA PARA A MÃO)... de Dêdo.)

LULA — Chega de conversa. Vamos a história.

ANITA — Eu começo. Vou contar uma história que minha vó costumava contar.

(ANITA SENTA-SE EM UM BANCO. OS OUTROS SENTAM-SE ESPALHADOS EM VOLTA).

ANITA — Era assim...

(LUZ CAI EM RESISTÊNCIA. NOITE. FOCO SOBRE ANITA. DE FORA SONS DE NOITE. QUE DEVEM SER FEITOS PELOS PRÓPRIOS ATORES. — NO FUNDO AO ALTO APARECEM UMA LUA E UMA ESTRELA).

ANITA — Diz a Lenda, que para além do horizonte, do outro lado das Montanhas, existe um troféu muito raro, que lá está há milhões de anos. Que, segundo alguns, surgiu com o próprio homem: É a Pedra Negra. Quem encontrar a Pedra Negra, será o mais rico, mas não terá ouro...

CATITO — Vejam só, rico sem ouro! (RI)

ANITA — ... Mas para alcançar a Pedra Negra, terá de superar muitos

obstáculos. Dizem, que as pessoas que lá tentam chegar são devorados pela escuridão. Monstros e feras guardam a Pedra Negra, e os espíritos da noite perdem as pessoas em labirintos...

(LULA SAI DE MANSINHO)

CLEA — Essa história é muito velha, já foi contada outras vezes.

ANITA — (SONHADORA). Eu gostaria tanto de ir em busca da Pedra Negra.

CATITO — Só você mesma! Querer ser rica, sem ouro!

DUDU — Porque ninguém ainda procurou a Pedra Negra?

LUCINHA — Ora Dudu... (PENSA) muitos gostariam de procurar, mas poucos encontrariam.

ANITA — (DECIDIDA). Gente, pelo menos nessa história, vou procurar a Pedra Negra.

(OUVE-SE TAMBORES E PASSOS. SOBRE O TELÃO AO FUNDO PROJETA-SE UMA SOMBRA EM SILHUETA. FALA EM GRANDE VOZ)

(Nota: TODA VEZ QUE IRBE APARECE, ANTECEDE À SUA IMAGEM O RUFAR DE TAMBORES E RUÍDOS DE MUITOS PASSOS).

IRBE — Aqui fala o IRBE. A partir de hoje, todos me devem obediência. Sou o novo Senhor, Amo e Governo de vocês. Aquele que desobedecer, sofrerá o castigo da Lei.

(TODOS ESTÃO ATÔNITOS. PARALISADOS)

IRBE — Lei n.º 1 — Fica proibido que se contem histórias.

Lei n.º 2 — Fica proibido conversar sob as árvores à sombra.

Lei n.º 3 — Fica proibido contar lendas e histórias bobas.

Agora, todos ao trabalho! Bando de vagabundos. Não quero saber de conversas, histórias, andanças e brincadeiras no trabalho. Ao trabalho! (TODOS FOGEM CORRENDO. IRBE SAI DA TELA).

(POETA VOLTA CANTANDO. AOS POUCOS OS OUTROS VÃO ENTRANDO E CANTANDO JUNTO COM O POETA).

POETA — Um dia ele chegou
Sem o vento
Sem a lua, sem amigos
E sem amor
Trazendo para todos
Apenas tristeza
Trabalho, sofrimento e dor.

TODOS — E o povo, que era alegre
Fez da tristeza rotina

No trabalho sem prazer
Nasceu a revolta
Cresceu no peito
No corpo
Marcado pelos espinhos
Refletidos nos olhos secos.
Que se encherão de lágrimas
No dia que o vento voltar
Então todos dançarão
E a dança do homem novo
A alegria e o trabalho
Serão par de todo dia.

ANITA — Afinal quem é esse Irbe?

CATITO — Eu também gostaria de saber.

POETA — Ele não tem corpo como os homens

Não tem pernas

Nem olhos, nem boca

Tampouco tem coração.

É apenas uma sombra que fala e causa medo.

CLEA — Com que direito ele se nomeou nosso amo, senhor e governo?
Com que direito ele nos dá ordem?

ANITA — Dizem que ele veio de longe. Chegou de madrugada e tomou conta de nossa terra.

GLÓRIA — O que quer esse tal de sombra? Ele precisa saber que nós não precisamos de ninguém para nos dar ordens. Sempre resolvemos nossos problemas sozinhos.

DEDO — Porque você não diz isso a ele?

GLÓRIA — Se ele me aparecer na frente, em carne e osso, direi mesmo.

DEDO — Quem sabe, as coisas não vão melhorar!?

ANITA — Você parece estar do lado dele.

DEDO — Não tenho nada contra ele. Vocês falam demais. Ele pede apenas mais trabalho e mais disciplina. E vocês falam demais e trabalham de menos. Parecem até o Poeta.

CATITO — (JÁ SENTANDO A UM CANTO). É isso mesmo. Eu nunca vi o poeta trabalhando no duro.

GLÓRIA — Claro que o poeta trabalha. Cada um trabalha de uma forma.

POETA — Claro. Da mesma forma que vocês trabalham com os pés ou com as mãos construindo casas ou livros; plantando arroz ou construindo carros. Meu trabalho é a poesia criada com cabeça e mãos. Trago nas mãos a viola. No peito o coração. Na cabeça conhecimento e idéia. E na boca...

DEDO — (GOZANDO). E na boca um montão de dentes, pra comer e falar mal.



POETA — Claro que sem carne, feijão e pão não há poeta ou carpinteiro que consiga rir, trabalhar e divertir-se.

CATITO — (MEDROSO). Acho bom a gente voltar ao trabalho.

(TODOS COMEÇAM A TRABALHAR. CADA UM SIMULA O EXERCÍCIO DE UMA PROFISSÃO). (CANTAM).

LAVRADOR — Sou Lavrador,
Aro e cultivo a terra.
Plantar é o meu trabalho.
Arroz, trigo, milho e feijão
planto no inverno e colho no verão.

CARPINTEIRO — Fazer portas e janelas
Mesa, cadeira e sofá
Sempre foi de meu ofício
Desde que o mundo é mundo
Sou carpinteiro
Bato prego, tiro prego
Serro prá cá e prá lá.

MOTORISTA — Bipbipbip! Bipbipbip! Vroouumm!
Lá vou eu pelas estradas
Sentado atrás de um guidão
Sou motorista
Dirijo

ESTUDANTE — Automóvel, trator, caminhão.
Não trabalho na lavoura
Não sou motorista
Nem carpinteiro ou poeta
Contudo,
Sou estudante
E numa escola
Me preparo para um dia
Ser também lavrador, engenheiro ou poeta.

VENDEDOR — Vendo remédio
Vendo roupa
Carro e televisão
Vendo feijão e cobertor
Vendo até sal e mamão.

POETA — Eu sou poeta
E não nego
Falo com o coração
Junto palavras em versos
Torno ruído canção.
Minha ferramenta é a viola
Pensamento e emoção.

(NESTE MOMENTO TODOS DANÇAM EM CÍRCULO SIMULANDO O EXERCÍCIO DE SUA PROFISSÃO).

TODOS — (CANTAM ENQUANTO DANÇAM)

O lavrador planta e colhe
O arroz que a gente come
Mas pra descansar se senta
No banco do carpinteiro
O motorista transporta
Lavrador e carpinteiro
Quem estuda ou faz poesia.

POETA — E quem se diverte também.

TODOS — O estudante
Aprende
Conhecendo e pesquisando
O que o homem precisa ou tem.
O poeta cria versos
Cria versos que enternecem
Lembra fatos que entristecem
Mas também traz alegrias
Nos versos e na poesia
Do samba-música-canção.

VENDEDOR — E eu vendo tudo aquilo
Que o homem planta ou fabrica.



RUFAR DE TAMBORES. PASSOS. CORTE RÁPIDO DE LUZ. PROJEÇÃO DE SILHUETA. TODOS PARAM ESTÁTICOS.

IRBE — (GRANDE VOZ). Não quero ver ninguém dançando ou cantando. É hora de trabalho! Se vocês insistirem proibirei que cantem e dancem. Outra coisa, todas as festas estão proibidas!

MULHER — Mas moço...

IRBE — Moço não! Me chame de senhor!

LAVRADOR — Senhor, o canto ajuda a gente a trabalhar.

IRBE — E dançar, ajuda? Não quero canto nem dança na hora do trabalho. Ao trabalho!

(IRBE SAI)

CARPINTEIRO — Eu só queria saber com que direito ele nos dá ordens.

VENDEDOR — Porque não pergunta a ele?

LAVRADOR — Você parece aliado do sombra.

VENDEDOR — Não chame o Senhor IRBE de Sombra. Se ele sabe você está frito.

VOLTAM AO TRABALHO. SILÊNCIO. LUZ CAI EM RESISTÊNCIA. PERMANECE NO AR O SOM DA VIOLA DO POETA DEDILHADA. NOITE. TODOS SAEM.

ANITA ENTRA TRISTE. SENTA-SE AO PÉ DE UMA ÁRVORE. PENSA EM VOZ ALTA, AO MESMO TEMPO COMO SE CANTASSE E FALASSE. A VIOLA DO POETA PERMANECE. E ACOMPANHA.

ANITA — Cada minuto que passa eu me pergunto:
 Porque?!
 Se o querer é poder
 O que fizemos da herança
 Liberdade
 Liberdade de ir e vir
 Trabalhar, sorrir, cantar?
 (PAUSA)
 Mas se a esperança não morre
 como o sol no anoitecer
 meu desejo deixará de ser sonho
 e se fará realidade.
 É preciso conhecer a verdade do presente.
 Eu pressinto que se encontra onde nasce o sol e a lua
 para além do horizonte.

(A NOITE INVADE TUDO; ANITA SOBRESSALTA-SE COM OS PASSOS E RUFAR DE TAMBORES).

(COM A APROXIMAÇÃO DO IRBE, LUA E ESTRELA, QUE APARECERAM POUCO ANTES, SE ESCONDEM).

IRBE — Anita! Estou sabendo dos seus desejos e intenções.

ANITA — Que desejos?

IRBE — Não precisa esconder a verdade. É sabido que você deseja conhecer a verdade no mundo para além horizonte... ao norte.

ANITA — (TOMA CORAGEM). Sim! Farei tudo para isso.

IRBE — Ninguém dessa terra deve passar a fronteira do horizonte do norte.

ANITA — Mas isso não pode ser...

IRBE — Pode sim. Nem para norte, nem para este, nem para oeste. Pronto.

ANITA — Mas por quê?

IRBE — Ora, porquê... porquê!... Porque do outro lado do horizonte vivem os homens antropófagos, que comem gente como nós. Têm exércitos de monstros alados, que lançam chamas a grandes distâncias. As florestas tem cobras e leões gigantes. Além dos Duendes que montam armadilhas para os estranhos. Os além-horizonte são terríveis!

ANITA — O Senhor já esteve lá?

IRBE — (SURPRESO). Não! Os que tentaram ir não mais voltaram.

ANITA — Mas, se os que foram nunca voltaram como o senhor sabe de tudo isso...!?

IRBE — Não importa como eu sei. Importa que é perigoso e você não pode ir.

ANITA — É preciso então que alguém vá e descubra o mistério.

IRBE — (ZANGADO COM A INSISTÊNCIA). Você está proibida de ir.

ANITA — Mas não há Lei que me proíba de ir.

IRBE — Então eu criarei essa Lei.

CORTE DE LUZ. FOCO SOBRE ARAUTO. QUE ENTRA.

ARAUTO — (LENDO) A partir da presente data fica proibido:
 1.º) Transpor os limites do horizonte sem autorização do IRBE.
 2.º) Fica proibido: pensar, falar ou querer transpor os limites das montanhas, no horizonte, para norte, para leste ou para oeste sob pena de castigo.
 3.º) Fica instituído o dia Nacional da Alegria; A Grande festa do "UM".

O IRBE, convida todo o povo destas terras para esta grande festa. Será o dia em que todos devem cantar, dançar e sorrir.

Todos são por esta Lei obrigados a comparecer à Festa.

(CORTA LUZ DO ARAUTO. ESTE SAI AO MESMO TEMPO QUE O IRBE).

(ARAUTO SAI REPETINDO, ATÉ QUE SUA VOZ SE PERDE NA DISTÂNCIA. REPETINDO-SE EM ECO):

(ANITA FICA SÓ. SENTA-SE SOB UMA ÁRVORE).

ANITA — (LAMENTA) TANTA COISA PRA FAZER. Lugares pra onde ir. Para aprender e descobrir dentro da gente o sonho. Refazer e construir. Como é triste ser escravo e dependente de outro homem, que veio do não sei onde para impor sua vontade.
 (CHORA). Preciso e quero ir em busca da Pedra Negra. Quero conhecer o desconhecido. Eu quero... Mas como... A Lei do IRBE diz que não posso ir. A Lenda diz que são muitos os perigos...

(NESTE MOMENTO A NOITE CAI SOBRE A CIDADE. A NOITE — TORNA PERSONAGEM ANIMADO — SE DIRIGE A ANITA).

NOITE — Não fique triste menina. Para tudo há solução.

(ANITA SOBRESSALTA-SE)

ANITA — (COM MEDO). Quem... quem foi que falou.

ÁRVORE — Foi a Noite, Anita.

ANITA — Uma árvore que fala e anda! (PENSA EM FUGIR).

NOITE — Não tenha medo.

ANITA — (TREMENDO). Não! Não! Não estou com medo. É que nunca soube que árvore andasse e que noite falasse.

(DO ALTO SURGE UMA ESTRELA).

ESTRELA — Fala Noite, fala Árvore, fala Lua e fala Estrela. É só saber ouvi-las.

ESTRELA — Porque tanta tristeza?

ANITA — Eu quero ir para além montanhas, em busca da Pedra Negra.

ÁRVORE — Ah! A Lenda diz que, quem encontrar a Pedra Negra, ganhará a sabedoria e poderá desvendar todos os mistérios e segredos do mundo.

NOITE — Porque você quer encontrar a Pedra Negra?

ANITA — Para conhecer o desconhecido e poder ajudar a libertar meu povo do IRBE.

NOITE — Pois então, ajudaremos você.

ESTRELA — Vai que eu guiarei seu caminho.

ÁRVORE — Eu lhe darei uma senha para você se comunicar com minhas irmãs do além-horizonte.

NOITE — Eu lhe ensinarei os mistérios.

ANITA — Obrigado. Mas eu tenho medo. Dizem que há perigos e obstáculos.

NOITE — Há também uma pessoa que pode ajudar. (CHAMA) Lua! Lua! Lua!

LUA — (APARECE VAGAROSAMENTE. SONOLENTA. BOCEJA). Aargh! argh! Noite, ainda é muito cedo. Vou dormir mais um pouco.

NOITE — Agora que já levantou você pode nos ajudar.

LUA — Ajudar em quê?

ESTRELA — Você pode iluminar os caminhos pra que ela vença os obstáculos e o medo.

LUA — (DE REPENTE DESPERTA E DISPOSTA). Eu gosto de clarear a noite e iluminar caminhos.

NOITE — Mas eu gosto que você me ilumine todos os dias.

LUA — (IMPLICANDO). Porque você é ranzinza.

ANITA — Não precisam discutir por causa disso. (PAUSA) Antes preciso falar com meus amigos e arranjar um jeito de cumprir a Lei.

NOITE — Vá Anita. Resolva tudo e parta logo em viagem para além.

ÁRVORE — Enquanto isso nós vamos passar a noite...

NOITE — Passar a noite a ferro?! (TODOS RIEM)

ESTRELA — Talvez fique melhor: Passar o tempo. Não é noite?

ÁRVORE — Pois é. Nós vamos passar o tempo planejando como vamos lhe ajudar em segredo.

ANITA — Boa noite pra vocês.

NOITE — Eu sou boa?! (RISOS)

ANITA — Até logo.

NOITE — (PARA ANITA QUE SE AFASTA) Quando precisar é só chamar. Quando o sol estiver prestes a se deitar todos os dias.

CORTE. TEMPO DIA.

(TODOS TÊM MEDO. AO FUNDO OUVI-SE A VIOLA DO POETA)

(NO CAMPO, LAVRADOR E SUA MULHER TRABALHAM PLANTANDO E COLHENDO)

LAVRADOR — Estou cansado de tanto trabalho e nenhuma alegria.

MULHER — Mas vamos poder cantar e dançar na festa que o IRBE vai dar; a grande festa do "UM".

LAVRADOR — Uma vez só no ano. E assim mesmo obrigados.

MULHER — É, não vai ser a mesma coisa que cantar com vontade. Não vai haver alegria. (PAUSA) E os impostos cada dia mais caros.

LAVRADOR — É a Lei.

CORTE. AINDA DIA.

TODOS TÊM MEDO. A VIOLA DO POETA VAI CRESCENDO. ELE PASSA E SOME.

CENA — PONTO DE ÔNIBUS. ESTUDANTE E VENDEDOR.

ESTUDANTE — Como demora esse ônibus!

VENDEDOR — Pois não é!? Tenho hora marcada com um cliente. Não posso me atrasar.

ESTUDANTE — Também não posso me atrasar.

VENDEDOR — Mas você não trabalha.

ESTUDANTE — (IRRITA-SE) O trabalho é tão importante quanto o estudo.

VENDEDOR — Eu não quis lhe ofender. Mas sem trabalho não se tem dinheiro para comprar coisas e pagar os impostos do IRBE.

ESTUDANTE — Ora, quem estuda também paga impostos, e quando acaba os estudos também trabalha para comprar coisas e continuar pagando impostos. Estudantes não deviam pagar impostos. Cada dia aparece uma Lei nova. É Lei proibindo! É Lei criando impostos.

VENDEDOR — Você reclama de tudo.

ESTUDANTE — E não é para reclamar!? Eu queria viajar para além-horizonte.

VENDEDOR — Para quê?

ESTUDANTE — Para pesquisar e aprender novas coisas. Mas com essa Lei não posso ir. É só estudar, estudar. Até cantar e dançar está proibido. Eu gosto tanto de cantar e dançar.

VENDEDOR — Para mim certas Leis são boas. Se as pessoas só trabalham, produzem mais; se não podem viajar, comprem mais aqui mesmo. E eu... vendo mais e ganho mais.

ESTUDANTE — Eu queria tanto conhecer outras terras (PAUSA) (SONHADORA) Eu gosto tanto de dançar e cantar!

VENDEDOR — Aproveita a festa do IRBE, a grande festa do "UM". Você poderá dançar e cantar à vontade.

ESTUDANTE — Só um dia no ano não serve. Além do mais eu não gosto de nada obrigado.

(VEM O ÔNIBUS. ENTRAM NO ÔNIBUS)

VENDEDOR — Mas a festa é Lei e você é obrigada a ir. E também dançar e cantar.

CORTE. AINDA DIA.

CENA — FESTA DO "UM".

(AS PESSOAS VÃO ENTRANDO TRISTES E CABISBAIXAS. COLOCAM CORDÕES EMBANDEIRADOS PARA A FESTA — COMO ENFETES DE FESTA DE SÃO JOÃO)

(CADA UM TOMA UM INSTRUMENTO — COMO NO INÍCIO — TOCAM, CANTAM E DANÇAM EM CÍRCULO UMA COREOGRAFIA SIMPLES COMO DE UMA DANÇA POPULAR)

TODOS — Hoje é dia
 Hoje é o dia
 Que nos concedeu senhor Irbe
 Pra cantar, sorrir e dançar.
 A alegria deste dia
 Deve nos fazer calar
 Para em todos os outros
 Apenas trabalhar e trabalhar
 Hoje é dia
 Da grande festa popular
 Hoje é dia
 Hoje é dia

(ANITA CHEGA ATRASADA. COLOCA-SE NA RODA AO LADO DO POETA)

ANITA — Poeta, encontrei uma saída. Agora eu posso ir para além-horizonte. (ALEGRE). Vou conhecer o desconhecido.

POETA — Não sei se você vai conseguir. Mas acho que deve ir. Sua vontade seja a sua verdade.

(OS OUTROS VÃO PARANDO DE DANÇAR E CANTAR AOS POU-COS) (APENAS DOIS DELES NÃO PARAM — UM POR MEDO OUTRO POR CONVICÇÃO)

CARPINTEIRO — (PARA POETA E ANITA). Acho que Anita tem o direito de ir para onde quiser. Mas não sei se é o momento.

LAVRADOR — Não vá Anita, é muito perigoso.

CARPINTEIRO — Não pelos perigos que estou falando. Nós precisamos ficar unidos e descobrir o caminho. A verdade está aqui mesmo.

VENDEDOR — (PARA DE CANTAR. CONVICTO). Não contem comigo para nada. Ela precisa, nós precisamos obedecer as ordens do senhor IRBE.

MOTORISTA — Obedecer, obedecer. Ele não tem o direito de proibir-nos de viajar, falar e pensar.

VENDEDOR — Ele está zelando pela nossa saúde e bem-estar.

CARPINTEIRO — A sua pode ser. (PAUSA) (PARA TODOS). Nós estamos tristes, cansados e infelizes. Precisamos lutar. Precisamos descobrir sua verdadeira face, para vencê-lo.

POETA — Enquanto Anita vai buscar o segredo lá fora, começaremos a luta aqui. (PAUSA). Como dizia o poeta...

CARPINTEIRO — É preciso que a poesia não fique só no papel, poeta.

POETA — A poesia é coisa viva, tem alma, corpo e coração.

ANITA — (PARA CARPINTEIRO). Os poetas têm idéias que podem mudar o mundo.

POETA — É isso mesmo Anita.

CARPINTEIRO — Mas é preciso tornar pensamento e emoção em ação.

ANITA — Gente, eu vou. Irei para descobrir o que há de verdadeiro do outro lado do horizonte. Medo tenho, mas é preciso descobrir e conhecer, o conhecido e o desconhecido.

LAVRADOR — Vá. Seja esta a sua missão. Vá e descubra se possível o que possa nos ajudar a conhecer a verdadeira face do IRBE e como vencê-lo.

VENDEDOR — Eu vou embora. Isto aqui está ficando perigoso. Não quero me envolver em confusão com o senhor IRBE.

POETA — Vá, mas não seja traidor.

VENDEDOR — (PARA O POETA). Língua de trapo! Você vai se dar mal.

POETA — (PARA ANITA). Faça o que lhe diz o peito, a vontade e a coragem.

(NESTE MOMENTO OUVEM-SE PASSOS E TAMBORES. A TELA SE ILUMINA).

IRBE — (GRANDE VOZ). Dou oportunidade a vocês de se divertirem ficarem felizes, cantarem e dançarem, e vocês ficam fazendo fofoca, tramando contra mim. Pois muito bem! Todos ao trabalho. (AS PESSOAS VÃO SAINDO)

ANITA — Senhor IRBE.

IRBE — O que é desta vez?

ANITA — Procurei um Juiz, conforme havia lhe falado.

IRBE — E daí?

ANITA — Ele diz que posso ir.

IRBE — Como?!

ANITA — Eu posso ir para o Sul e, de lá, para onde quiser.

IRBE — Mas a Lei é clara.

ANITA — A Lei só diz que eu não posso cruzar as fronteiras do horizonte norte, este e oeste... Portanto não entra o sul.

IRBE — Maldição! Esqueci de cercar pelos quatro lados.

(POETA COMEÇA DEDILHAR SUA VIOLA)

IRBE — (FURIOSO). Pare com esses ruídos. (PARA ANITA).

IRBE — Você é perigosa. Preciso tomar mais cuidado com vocês. Estão todos contra mim. Se descobrir qualquer conspiração mando prender todo mundo.

ANITA — Ficaria sem ninguém para servi-lo.

IRBE — Não é isso que interessa agora. (PAUSA). Pois bem! Pode ir. Porém lembre-se. Quem desobedece minhas ordens nunca terá o perdão.

POETA — (QUE OUVIA À PARTE) É preciso senhor Irbe
Que lembre o que decidiu
A justiça desta terra.
Se o juiz considerou
Legítima sua intenção
É de direito que vá.

IRBE — Não interessa! Daqui para diante, EU SEREI A JUSTIÇA. E vou começar agora.

Você poeta está proibido daqui para diante, e durante muitos anos, de cantar em lugar público; de pensar e falar mal de quem quer que seja.

POETA — Eu não falo mal. Digo a verdade.

IRBE — Que verdade que nada!

Além do mais não importa se é verdade ou não (RI) (PARA ANITA). Vai Anita. Seu caminho será coalhado de obstáculos. (GARGALHADA). Medo... monstros alados, cobras, leões e perigos. (SAI RINDO).

CORTE. LUZ. ANITA SOZINHA PREPARA-SE PARA INICIAR CAMINHADA. OUVI-SE VOZES. DISTANTES.

VOZ 1 — Anita, sua vontade seja sua verdade.

2 — Preste bem atenção ao caminho. A mentira criará muitos perigos.

3 — Para além do horizonte, há saudades, dor e medo.

(ELA COMEÇA A CAMINHADA)

VOZ 4 — (MAIS LONGE). O que parece amigo pode ser inimigo.

5 — Observe bem. Nem tudo que parece é.

6 — O que parecer inimigo pode ser amigo.

VOZ ÁRVORE — Fale com minhas parentes de lá. Não esqueça a senha.

ESTRELA — (APARECENDO NO ALTO). Estarei te guiando.

LUA — (TAMBÉM APARECENDO). Iluminarei o caminho.

(LUZ SOBE UM POUCO EM RESISTÊNCIA. ANITA CONTINUA CAMINHANDO)

OUVE UM ASSOBIO. PÁRA. À SUA FRENTE SURGE "BARBALAIU" PERSONAGEM MISTO DE BUFÃO E DOMADOR. ELA SE ASSUSTA.)

(AT — ESTE PERSONAGEM USA MÁSCARA. OU, TALVEZ MAQUILAGEM/CARACTERIZAÇÃO FORTE COMO A DE UM PALHAÇO. PARA NÃO ASSUSTAR OS MAIS PEQUENINOS).

BARBA — Não precisa se assustar. Meu nome é Barbalaiu. Sou do que conheço e de quem conheço.

ANITA — Mas você não me conhece.

BARBA — Conheço sim! A-N-I-T-A. Você não me conhece mas eu conheço você. Você vai para além-horizonte, não é isso?! Pois eu também vou para lá. Podemos nos fazer companhia?!

ANITA — Você também conseguiu a carta do Juiz?

BARBA — O quê?

ANITA — A carta, para poder viajar.

BARBA — Se você tem, façamos de conta que eu também tenho.

ANITA — Você é quem sabe (PAUSA). Como é mesmo seu nome?

BARBA — Bar-ba-laiu.

SAEM

(A SEQÜÊNCIA QUE SEGUE DEVE SER VISTA COMO UM JOGO DE IMAGINAÇÃO/UM FAZ-DE-CONTA ONDE OS ELEMENTOS REAIS E IMAGINÁRIOS DEVEM SE ALTERNAR, OS PERSONAGENS ATRAVESAM RIOS, SOBEM MONTANHAS, SALTAM PRECIPÍCIOS, ENFRENTAM COBRAS, MONSTROS E LEÕES).

(O ÚNICO ELEMENTO DE CENÁRIO A APARECER PODE SER A FLORESTA).

ANITA — (CAMINHANDO). Por que você usa máscara?

BARBA — (EMBARAÇADO). Bem... é... bem... é para enfrentar os duendes das florestas.

ANITA — Existem duendes?

BARBA — Se existe!? Um montão deles.

(MUDANÇA DE LUZ)

ANITA — Estamos viajando há muitos sois.

BARBA — Atravessamos a fronteira do horizonte do nosso mundo e nada ainda aconteceu.

ANITA — As vezes sinto como se houvesse um perigo muito perto de mim.

BARBA — Eu não sinto nada. (PAUSA). Veja! Uma cadeia de montanhas.

ANITA — Estou cansada. (ATIRA-SE AO CHÃO). Não vou subir esta montanha.

BARBA — Então vamos voltar. Estas são as montanhas do norte. Toda essa região é montanhosa.

ANITA — Voltar, não! Vamos.

(BARBALAIU ASSOBIAM OU CANTAROLA UMA MELODIA. FINGE NÃO ESTAR CANSADO).

BARBA AJUDA ANITA SUBIR. CHEGAM AO TOPO.

ANITA — Ufa! Pensei que não chegaria nunca! (OLHA EM VOLTA). Veja Barba.

BARBA — Barba, não! Barbalaiu!

ANITA — Chegamos num planalto (OLHA PARA A PLATÉIA). Lá embaixo, veja! Está tudo pequenininho. (BARBA OLHA TAMBÉM). Aqui é tudo plano. Vamos poder andar mais depressa. Mas antes eu gostaria de dormir.

BARBA — Pode dormir que eu vou dar uma espiada para ver se há algum perigo por perto.

(ANITA FICA SOZINHA. PREPARA-SE PARA DORMIR)

ANITA — Aqui, tudo começa a ficar diferente; O ar, a vegetação, as árvores... acho que os pássaros também devem ser diferentes. (OLHA PARA TODOS OS LADOS COM MEDO). Ai! Aqui é tão diferente da cidade. A floresta às vezes dá medo. (PAUSA. COMEÇA TREMER). Eu não posso ficar com medo. Eu quero encontrar a Pedra Negra.

(NESTE MOMENTO APARECE UM TIGRE NA OUTRA EXTREMIDADE) (ANITA TENTA SE ESCONDER, NÃO HÁ TEMPO. PEGA RÁPIDO UM PANO-TOALHA OU LENÇOL — SE FAZ COMO SE FOSSE. O TOUREIRO ENFRENTANDO UM TOURO NUMA PLAZA; ENFRENTA O TIGRE. AO FIM DE UM TEMPO O TIGRE CHOCA-SE DE CABEÇA COM UMA ÁRVORE. E FOGE DERROTADO) (ANITA LARGA O PANO E FICA ESTÁTICA TREMENDO).

ANITA — Ai! até que enfim foi embora. Será que vai voltar?

BARBA — (VOLTANDO). Nada! (PASSA A MÃO NA CABEÇA) caminho livre.

ANITA — (TREMENDO). Por pouco... por... pouco... ele não me engole.

BARBA — Ele quem?

ANITA — O tigre.

BARBA — Um tigre? Como, onde, não pode ser. Exatamente na hora que eu saí.

ANITA — Agora já passou. Vamos continuar. Não quero mais dormir.

(CAMINHADA. PASSAGEM DE LUZ)

BARBA — Vejo Anita! Um Rio!

ANITA — Vamos atravessá-lo.

BARBA — Eu não sei nadar. (FINGINDO)

ANITA — Como vamos fazer então?

BARBA — Vá você sozinha, eu fico.

ANITA — Não! Nós estamos juntos. Não deixarei você sozinho. Vamos pensar.

BARBA — Nós poderíamos construir um barco.

ANITA — Com que ferramenta?

BARBA — É, não temos ferramentas. (PAUSA). Está difícil. Eu não sei nadar e não podemos construir um barco.

(SILÊNCIO)

ANITA — Já sei! A senha.

BARBA — Senha?

ANITA — (DISFARÇA). Não é nada. É uma brincadeira pra ver se surge uma idéia. (VAI A UM CANTO E SUSSURRA). "Árvores desta floresta parentes das árvores de lá, me ajudem a ter uma idéia".

(IMEDIATAMENTE OUVI-SE AO LONGE O SOM DE UMA ÁRVORE CAINDO)

(A FLORESTA ESTREMECE)

BARBA — Você parece uma bruxa, fazendo bruxarias.

ANITA — Tive uma idéia. Vamos pegar um tronco de árvore, atiramos ao Rio, você sobe em cima e eu vou nadando e empurrando.

BARBA — É, eu não tinha pensado nisso.

(FINGEM ROLAR UM TRONCO E JOGÁ-LO NUM RIO TAMBÉM IMAGINÁRIO. ATRAVESSAM)

BARBA — Puxa! Você tem cada idéia.

ANITA — Vamos. Não podemos perder tempo.

(CAMINHAM EM SILÊNCIO)

BARBA — Cuidado!

ANITA — Ai! Por pouco não caio no precipício.

BARBA — Será que dá para atravessar pro outro lado?

ANITA — Vamos tentar.

BARBA — Vamos tomar distância.

ANITA — Vamos lá.

(TOMAM DISTÂNCIA)

AMBOS — Um, dois, três, já! (SALTAM)

(DO OUTRO LADO OLHAM PARA O FUNDO DO PRECIPÍCIO QUE ACABAM DE SALTAR;)

ANITA — Ufa! Dá até um friozinho na espinha só de olhar para baixo.

BARBA — A floresta, cada vez mais fechada. Está ficando escuro.

(FINGE MEDO). Vamos parar e deixar o sol nascer. Senão vamos nos perder.

ANITA — A noite é amiga.

BARBA — A noite dá medo.

ANITA — Eu também achava, agora não sinto mais medo da noite.

BARBA — Veja! uma estrela!

ANITA — (MISTERIOSA). Vamos segui-la. Assim não nos perderemos (SILÊNCIO)

(DE DENTRO DA FLORESTA OUVI-SE UMA VOZ. AMBOS PARAM ESTÁTICOS)

ANITA — Que foi?

BARBA — Não sei. (ESCLAMAM)

VOZ — Urr Pac. Brec... Brec... Brec... Came... Came... Brecbrec... (RUÍDO DE VENTO NAS ÁRVORES. GRILOS. SAPOS COAXAM. RUÍDOS DIVERSOS. GALHOS QUEBRANDO. VOZ SE APROXIMANDO)

ANITA — Está vindo para cá.

BARBA — Deve ser um duende.

ANITA — Pode ser a caipora ou sacy.

(AMBOS TREMEM)

BARBA — É tudo a mesma coisa.

(A VOZ SE APROXIMA MAIS)

ANITA — E se for o monstro de muitas cabeças? Vamos ser engolidos. E eu ainda não encontrei a Pedra-Negra.

BARBA — Deixe de falar nesta tal pedra.

(ANITA LEMBRA-SE DA HISTÓRIA DA MÁSCARA)

ANITA — E sua máscara? Mostre sua máscara para ele. Quem sabe ele foge.

BARBA — Eu menti pra você. Esta máscara não assusta ninguém.

(A VOZ ESTÁ BEM PRÓXIMA. OS DOIS SE AGARRAM. TREMENDO E ESCONDENDO O ROSTO)

ANITA — A LUA! Se ao menos tivesse lua.

(A LUA SURGE NO ALTO. LUZ SOBE. VÊ-SE ENTÃO O DONO DA VOZ SOBRE UM GALHO DE ÁRVORE)

ANITA — (OLHA ATRAVÉS OS DEDOS SOBRE O OMBRO DE BARBA) Veja! (COMEÇA A RIR) Veja! O nosso monstro. (BARBA SE VIRA VAGAROSAMENTE)

AMBOS — (RINDO E AO MESMO TEMPO) Um papagaio!

ANITA — Nosso monstro é um papagaio.

BARBA — Vou pegar esse daíado pra ele não assustar mais ninguém.

(QUANDO CORRE PARA O PAPAGAIO ESTE VOA E DESAPARECE NA FLORESTA).

BARBA — Depois desse susto acho bom a gente dormir.

ANITA — Está bem. (BOCEJA) Estou cansada e com muito sono.

ARRUMAM SUAS COISAS E DEITAM-SE;

ANITA — Será que não há perigo por perto?

BARBA — Depois desse susto não acredito mais em fantasmas.

ANITA ADORMECE. BARBA TIRA ALGUMA COISA DA MOXILA E SAI;

POUCO DEPOIS SURGE UMA GIGANTESCA COBRA;

ANITA ACORDA E LUTA COM A COBRA; VENCE; A COBRA MURCHA FICANDO SÓ "PELE" DANDO IMPRESSÃO QUE ALGUÉM SAI DE DENTRO DELA;

ANITA — (GRITA) Barba! Barba!

BARBA — (VOLTA CORRENDO) Que foi que houve?

ANITA — Veja! (MOSTRA A COBRA)

BARBA — Eu estava do outro lado tentando dormir. Ouvi um ruído e fui ver o que era. Acho bom a gente voltar daqui.

ANITA — (SE APROXIMA, PÁRA, OLHA A COBRA DE PERTO) Veja. (PEGANDO O "COURO") Isso não é uma cobra de verdade, é um disfarce.

BARBA — São eles, são os além-horizontes que já perceberam nossa presença. (FINGINDO COMEÇA A TREMER) Eles comem gente. Vão nos colocar num panelão com sal e pimenta.

ANITA — Não acredito. Eles talvez estejam apenas querendo se defender. Se quisessem nos matar, teriam colocado uma cobra de verdade, ou nos aprisionado.

BARBA — Eu não acredito nisso.

ANITA — Espere! Se essa cobra é falsa, então o tigre que enfrentamos devia ser falso também, devia ser de mentirinha! (PAUSA) Alguma coisa anda errada por aqui. Estou desconfiada que tem carne nesse angu.

BARBA — Eu vou voltar daqui. Vou embora.

ANITA — Não, você vai ficar. Precisamos descobrir o que está acontecendo por aqui.

BARBA — ESSA HISTÓRIA está ficando quente demais pro meu gosto.

SAI CORRENDO.

ANITA — Barba, volte aqui! Barba!...

(NESTE MOMENTO OUVI-SE SOM DE PÉS BATENDO NO CHÃO)

COMO EM UMA DANÇA) (DE FORA BARBA FALA QUASE CHORANDO)

BARBA — Por favor, não me ponham na panela. Faço tudo que vocês quiserem, mas não me ponham na panela.

(PASSOS SE APROXIMAM)

ANITA — Que será que está acontecendo? (ANITA TENTA SE ESCONDER) Quem vem lá?

(OS ALÉM HORIZONTE ENTRAM EM CENA TRAZENDO BARBA CARREGADO)

BARBA — Por favor, não me ponham na panela.

(ANITA AGACHADA A UM CANTO)

ANITA — Soltem-no seus antropófagos.

(É UM CASAL JOVEM. ELES NÃO SÃO EM NADA DIFERENTES DE BARBA E ANITA. APENAS NUNCA FICAM "PARADOS". DANÇAM O TEMPO TODO. ELES PÕEM BARBA NO CHÃO MAS CONTINUAM SEGURANDO SEUS BRAÇOS).

HOMEM — Meu nome é Bharthu.

MULHER — O meu é Luany. Não tenha medo. Somos mais amigos que o seu amigo.

ANITA — (TEMEROSA A UM CANTO) Olha gente, viemos à terra de vocês mas não somos inimigos não. Eu e meu amigo.

LUANY — Amigo?! Um amigo que deixa o outro no meio da floresta quando sente que há perigo, não é amigo, é inimigo.

BARTHU — De onde vocês vêm?

BARBA — (SE DESVENCILHANDO DOS DOIS) Não interessa a vocês.

LUANY — (PARA BARTHU) Eles devem ser de Além-horizonte.

ANITA — Além-horizonte são vocês. Nós somos de Antes do Horizonte, antes das montanhas.

LUANY — Acontece que para a gente vocês são Além-horizonte.

BARBA — Anita, você não deve conversar com desconhecidos.

LUANY — E como então fará amigos, e conhecerá novas terras?

ANITA — Barba, eles não parecem ser, o que dizem deles na nossa terra.

BARBA — Com gente que não conheço, não quero conversa.

BARTHU — Se seu amigo não gosta de desconhecidos, porque anda por terras desconhecidas?

ANITA — Ele é assim mesmo. (CONFIANDO NOS DESCONHECIDOS, SAI DA DEFENSIVA) Meu nome é Anita. O dele é Barbalaiú...

BARBA — Não gosto de quem não conheço. Não gosto que dêem meu nome a gente que não gosto.

ANITA — Deixa de ser chato, Barba. Eles estão na terra deles, e nos rece-

bem bem. Você é mal agradecido. (PARA OS DOIS) Desculpem. (PAUSA. SILÊNCIO) Vocês sabem onde está a Pedra Negra?

(OS DOIS SE ENTREOLHAM — BARTHU E LUANY) (FICAM NA DEFENSIVA UNS COM RECEIO DOS OUTROS)

LUANY — Ora, na terra de vocês, no Além-horizonte.

ANITA — Nós estamos no além-horizonte.

BARTHU — Há alguma coisa de estranho na história de vocês. Vocês procuram a Pedra Negra na nossa terra e a Lenda diz que ela está no Além-horizonte, na terra de vocês.

ANITA — A Lenda diz que é aqui, na terra de vocês.

BARTHU — Se estivesse aqui, não estaríamos agora viajando para conhecer a Pedra Negra, no Além-horizonte, na terra e vocês.

BARBA — Está vendo. São inimigos. Iam invadir nossa terra.

ANITA — Então nós é que somos inimigos. Nós invadimos a terra deles.

LUANY — (INTRIGADA) Vocês vieram BUSCAR a Pedra Negra?

ANITA — Por quê?!

LUANY — A Pedra Negra não pode pertencer a ninguém. Ela é de todos

LUANY — É direito de todos. Não podemos pegá-la, ou tomá-la. Podemos conhecê-la e senti-la.

ANITA — Engraçado, né?! A gente para cá e vocês para lá.

LUANY — Nós estávamos quase perto das montanhas quando encontramos uma espécie de couro de mentirinha.

BARTHU — Imaginamos que alguém estivesse em penitência pela floresta, e tivesse perdido...

LUANY — Então seguimos as pegadas e vocês, e encontramos outra.

(BARBA TENTA FUGIR. ANITA PRESSENTE E AGARRA-O)

ANITA — Como são esses couros?

(LUANY SAI E VOLTA COM A PELE (DISFARCE) DO TIGRE E DA COBRA)

LUANY — Aqui está.

ANITA — Então não foram vocês?! Para nos assustar?!

BARTHU — Claro que não. Essas coisas são sagradas para as pessoas da religião. E nós respeitamos a religião deles. Eles usam couro de mentirinha para se penitenciarem dos pecados, na floresta. E quando perdem esses couros eles ficam perdidos.

ANITA — Se não foram vocês... será que é o que estou pensando?

LUANY — Será a mesma coisa que eu pensei? Na religião Simbalê os mentirosos e traidores usam máscaras, como ele está usando. (APONTA BARBA)

BARBA — Não me olhem assim. Eu não fiz nada.

BARTHU — Os simbalês dizem também que todos os mentirosos e traidores têm medo de serem cozidos em caldeirão. Por isso há um castigo...

BARBA — Não, por favor!... Não me ponham no caldeirão. Por favor. Por favor (SE MOVIMENTA AJOELHADO ENTRE OS TRÊS)

BARBA — Prometam que não vão me por no caldeirão.

LUANY — (RÍNDO) Só se você contar tudo direitinho.

BARBA — Eu conto, eu conto. (SE O ATOR ESTIVER USANDO MAQUILAGEM COMEÇA A RETIRAR AQUI) O Sr. Irbe, não queria que ela chegasse na terra de vocês..

ANITA — IRBE?

LUANY e BARTHU — IRBE?!!!

BARBA — Então ele me mandou para impedir (PARA ANITA) que você alcançasse a terra deles.

ANITA — Vocês conhecem o IRBE?

BARTHU — (QUASE AO MESMO TEMPO DA FALA DE ANITA) O Irbe está na terra de vocês?

LUANY — Nós conhecemos esse Irbe muito bem. Conhecemos todas as manhas dele.

BARTHU — Vocês vieram buscar a Pedra aqui, mas como a Pedra está lá...

ANITA — Está aqui.

LUANY — Barthu, lembra de uma coisa da Lenda?! A Lenda diz que a Pedra, também, está no desconhecido.

BARTHU — Depois resolvemos a discussão da Lenda, agora voltemos ao IRBE. Como ia dizendo... Como a Pedra está lá, você (PARA ANITA) pode aproveitar para conhecer nosso povo, nossos costumes, nossos hábitos, nossa música e nossa dança

ANITA — E eu... OLHA PARA BARBA) E nós falaremos de nossa terra.

LUANY — Então lhe contaremos tudo o que sabemos sobre o IRBE.

(NESTE MOMENTO BARBA ACABA DE TIRAR A MAQUILAGEM, OU, TIRA A MÁSCARA).

ANITA — (ESPANTADA) Mas... você é o vendedor que falou comigo! Você é DEDO, o vendedor.

BARTHU — Vamos levá-lo conosco, para tomar umas aulas, e aprender que não se deve dedurar nem vender os outros, gente como ele.

(VÃO SAINDO)

LUANY — (CANTANDO) O IRBE, por onde passa assume várias formas. Ele é da terra de vocês, mas na realidade ele viveu muito tempo e estudou nas terras que ficam bem lá para o sul. De lá veio para cá. Aqui chegando ele nos transformou em escravos. Então...

(VOZ SOME)

CORTE. LUZ CAI. FLORESTA DESAPARECE. CENÁRIO MUDA.

ENQUANTO ISSO NA TERRA DE ANITA...

CENA

POETA ENTRA TOCANDO UMA MÚSICA EM SUA VIOLA DO OUTRO LADO SURGE CARPINTEIRO.

CARPINTEIRO — E então poeta, descobriu alguma coisa?

POETA — Procurei com o motorista por todos os lados.

CARPINTEIRO — E então?!

POETA — Duas coisas ficamos sabendo: Que ele está sozinho e que não se esconde dentro da cidade.

CARPINTEIRO — (PENSA) Ah! Ele deve estar escondido em alguma caverna ou esconderijo, na floresta.

POETA — O motorista foi pra floresta, com o lavrador, tentar descobrir o esconderijo dele.

CARPINTEIRO — Você notou que o IRBE...

POETA — Quando encontrarmos o esconderijo dele o que faremos?

CARPINTEIRO — Temos que pensar um plano.

POETA — (PENSANDO ALTO) Ele fala, sente raiva, anda... então deve ser como a gente...

CARPINTEIRO — É isso, poeta! Se ele é como a gente, para se transformar no sombra deve usar alguma máquina.

POETA — Ora, porque não pensamos nisso antes!? Quando vamos pagar os impostos, colocamos o dinheiro naquela máquina esquisita... então ele deve usar máquina para tudo.

CARPINTEIRO — Para aparecer como sombra, ele deve usar uma máquina parecida com uma câmera de televisão.

POETA — Precisamos pensar numa idéia de como agarrá-lo.

(ENTRAM CORRENDO MOTORISTA E LAVRADOR)

MOTORISTA — (OFEGANTE) Poeta! Carpinteiro! Descobrimos.

LAVRADOR — Dentro de uma caverna, escondida na floresta.

MOTORISTA — Só descobrimos porque lembrei que quando criança, brincando, tinha ido lá por acaso.

CARPINTEIRO — E então?! Que vocês fizeram?

LAVRADOR — Ficamos escondidos um tempo. Então ele saiu com uma toalha na mão.

POETA — Deve ter ido tomar banho no lago.

MOTORISTA — Quando ele saiu nós entramos.

LAVRADOR — Lá dentro, tudo cheio de máquinas.

MOTORISTA — Então aproveitamos, já que estávamos lá, quebramos todas as máquinas.

POETA — Isso me dá uma idéia!

OS OUTROS — Que idéia?! (EXPECTATIVA)

POETA — Gente, se as máquinas foram quebradas ele não vai poder mais nos ameaçar.

MOTORISTA — Você quer dizer que então ele vai embora?!

POETA — Não! Ele vai pensar que ainda estamos com medo. Descobrimo que foi tudo destruído ele vai querer apanhar o dinheiro dos impostos que foram depositados durante a semana...

CARPINTEIRO — Então podemos agarrá-lo.

POETA — (PARA SI) Agora entendo porque a máquina de impostos ficava na saída da cidade, e porque nos proibiu de andar a noite.

MOTORISTA — Porque não trazemos a máquina para cá?

LAVRADOR — É isso mesmo. Ele vai querer pegar o dinheiro de qualquer jeito. Então nós o prendemos.

POETA — (PARA MOTORISTA) Eu vou com você buscar a máquina. Vocês dois ficam planejando o resto. (SAEM)

(CORTE LUZ. PASSAGEM. NOITE)

OS DOIS VOLTAM COM A MÁQUINA. COLOCAM-NA NUM PONTO QUALQUER.

CARPINTEIRO — Agora vamos nos esconder todos.

POETA — É preciso fazer muito silêncio. Se dermos o espirro vai tudo por água a baixo.

(TODOS SE ESCONDEM) (NESTE MOMENTO CHEGA DE VOLTA ANITA, TRAZENDO DEDO A TIRACOLO)

ANITA — (GRITANDO) Pessoal! Acordem todos. Descobri.

OS QUATRO — (AINDA ESCONDIDOS) Psiu!

ELA OLHA PARA TODOS OS LADOS PROCURANDO.

ANITA — (FALANDO UM POUCO MAIS BAIXO) Sou eu, Anita. Descobri tudo. Agora podemos...

(CARPINTEIRO E MOTORISTA SAEM DE SEUS ESCONDERIJS E ARRASTAM OS DOIS)

ANITA — (Já escondida) Deixem eu contar pra vocês...

CARPINTEIRO — Agora não pode...

POETA — (DO OUTRO LADO) Silêncio!

SILÊNCIO. RUÍDO DE NOITE. SAPOS E GRILOS.

(IRBE, REPRESENTADO POR LULA ENTRA SORRATEIRO.

OLHA PARA OS LADOS. SE APROXIMA DA MÁQUINA. QUANDO INTRODUZ A CHAVE...)

POETA — (GRITANDO) A ele pessoal!

TODOS AVANÇAM. PRENDEM O IRBE NUMA RODA

CARPINTEIRO — Eis aí o GRANDE IRBE!

ANITA — Nós conseguimos! (PARA) Quer dizer, vocês conseguiram.

DEDO — (PARA IRBE) Por sua causa quase que eles me põem no panelão para cozinhar.

ANITA — Deixe de ser mentiroso Dedo.

IRBE — (PARA DEDO) E você... um... um bobão que não sabe cumprir ordens, e... nem fazer medo a ninguém.

LAVRADOR — Que fazemos com ele?

TODOS — Expulsa! Expulsa!

LAVRADOR — (ABRE A RODA) Você está expulso.

(IRBE SAI CORRENDO PELA PLATÉIA. TODOS RIEM)

LULA PÁRA E SE VOLTA

LULA — Perai! Vocês não podem me expulsar assim. Se o Irbe for expulso eu fico fora da brincadeira.

LUCINHA — (ESQUENTADA) Qual é a tua, Lula? Cortou a brincadeira!

CATITO — (SENTANDO-SE) Foi bom, eu já estava cansado.

CAFÉ — (PARA A PLATÉIA) Bem pessoal, infelizmente o Lula acabou com a nossa história.

ANITA — Mas Café, e o fim?

CAFÉ — Este é o fim.

ANITA — Ah! Assim eu não vou poder contar como o povo de além-horizonte se livrou do IRBE, como é que eles falam, como comem, como cantam, como dançam...

CAFÉ — Fica para outra vez. Enquanto isso, ficaremos imaginando como eles comem, cantam, dançam e etc. Não é pessoal?

TODOS — (DESCONSOLADOS) É.

CAFÉ — Acabou a nossa história.

TODOS — (EXCETO POETA) Entrou pela do pinto, saiu pela do pato.

CAFÉ — Quem quiser que conte quatro.

(CADA UM TOMA SEU INSTRUMENTO. ATORES COMEÇAM A CANTAR NO PALCO. POUCO A POUCO VÃO DESCENDO PARA PLATÉIA).

Terminou a brincadeira
Vamos nós daqui pra lá
Representar outra história
Vivida ou imaginada
Em qualquer outro lugar;



Com vocês fique a esperança
Que com a gente segue sempre
De encontrar pela estrada
Gente feliz
Sem mentira.

Mas se o canto do vento
Trouxer som de medo e vento
Não fique só na esperança
Trabalhe,
Sonhe, mas decida:
Seja arauto da verdade:

